

Umas palavrinhas sobre a língua portuguesa

para celebrar o dia internacional da língua portuguesa em 2025

Diana Santos

Uma língua multicontinental, com muitos sabores e passados, e com muita história. Vou tentar tornar o assunto agradável e quiçá surpreendente, para um grupo de ouvintes que presumo muito diversificado, tanto nas origens como nos conhecimentos académicos.

Portuguese is a multicontinental language, with lots of tastes and pasts, and history. I'll try to make the subject interesting and tasty, maybe even surprising, for an audience that I expect to be very diversified, both as far as geographical origin and academic knowledge are concerned.

Ora o português é uma língua romântica, também chamada latina, porque provém do latim... ou seja, é um latim (língua dos romanos) que evoluiu inspirada/misturada com as línguas que existiam na península ibérica e com todos (e foram muitíssimos) os povos com que nos misturámos. Quer por nos terem “invadido”, quer por nós os termos invadido, ou procurado, ou simplesmente com eles comerciado ou partilhado vivências e histórias.

Portuguese is a Romance language, also called neoLatin, because it originates from Latin... in other words, it is basically a language of the Romans which evolved and/or mixed with the languages which existed in the Iberian peninsula and with the languages spoken by the hundreds of people we mixed with (because we were invaded, or invaded, or met, or traded with them).

Não é novidade para ninguém que o império português foi o mais longo império europeu e um dos mais diversificados. Sem querer fazer disto uma qualidade (ou um defeito), mas simplesmente um facto histórico, essa existência prolongada teve como resultado que o português é uma língua global, e mesmo a mais falada no hemisfério sul.

It's old news that the Portuguese empire was the longest European global empire and one of the most diversified – not necessarily a quality nor a disadvantage, but it produced a global language.

Mas o português não é uma camisa de forças, uma gramática a que todos têm de obedecer, como aliás nenhuma língua / linguagem natural o é. Existem muitas formas de falar português, que estão sempre em mudança. Deixem-me dar o caso de África (em que a língua portuguesa, por exemplo em Moçambique, está em grande expansão).

But Portuguese is no straightjacket, one grammar which must be obeyed by all – no language is. There are many, many ways of speaking Portuguese, which are always evolving. Let me give Africa as an example (Portuguese is widely expanding, for example in Mozambique).

Nas palavras de Agualusa (p. 56):

A minha língua é esta criação colectiva de brasileiros, angolanos, portugueses, moçambicanos, cabo-verdianos, santomenses, guineenses e timorenses. A minha língua é uma matrona feliz, fértil e generosa, que namorou com o tupi e o ioruba, e ainda hoje se entrega alegremente ao quimbundo, ao quicongo ou ao rongo, deixando-se engravidar por todos esses idiomas.

«Da minha língua vê-se o mar», escreveu o romancista português Virgílio Ferreira. «Da minha língua ouve-se o seu rumor, como da de outros se ouvirá o da floresta ou o silêncio do deserto.» Virgílio Ferreira tem razão. A presença do mar e essa inquietação criativa são parte da natureza da nossa língua.

E depois continua a falar das formas criativas de desenvolver o português, e diz esta frase (sobre os falantes africanos) a que eu acho muita graça: “têm com o português uma relação de maravilhosa irreverência. Falam um português sem culpa e sem gravata.”

I have cited a contemporary Angolan writer, José Eduardo Agualusa, describing the Portuguese language as the most inclusive matron, getting happily pregnant by all linguistic contacts. And ends with his description of African Portuguese speakers: they speak Portuguese without guilt or tie!

Mas voltemos a um passado mais remoto: a presença da língua árabe na península, antes da fundação da nacionalidade, enriqueceu a “nossa” língua da altura com milhares de termos técnicos, científicos, de ciências naturais e de organização social (e chama-se **adstrato**, devido à situação de bilinguismo).

But let us go back to a more remote past: the presence of the Arabic language in the Iberian peninsula (where Arab-speaking rulers were present from 711 to 1492), in a situation of bilingualism, enriching the language of the time with thousands of technological, scientific, legal, organisational terms.

Produto de um erro (como é muito frequente acontecer na história das línguas, aliás), as palavras foram assimiladas com o artigo, e daí ser a letra A a letra pela qual começam mais palavras em português: *al* ou *az* ou *aç* são prefixos que indicam imediatamente a origem árabe da nossa língua.

algodão, almofariz, alcofa, algarismo, açúcar, azeite, azáfama, azougado, azinhaga, alpendre, alvíssaras, almofada, álcool, alfinete, alfazema, azulejo, topónimos portugueses (e espalhados por todo o mundo) Algarve, Alcácer, Almourol, Almada, Alcobaça, Alvalade...

Due to an error (something very common in language history, in all languages), the words were assimilated with the article, hence the letter A is the most frequent initial in Portuguese. Al, az and aç are prefixes that indicate Arab origin.

Outras palavras são *chafariz, xarope, enxaqueca, elixir, esmeralda, garrafa, falua, Beja e Benfica*. Além disso, outras formas de falar e de funcionar na sociedade vêm-nos através das populações moçárabes (os cristãos que viviam sob dominação árabe), certo que mais do Sul de Portugal continental e não tanto do norte: *oxalá: queira deus! Salamaleques* (salam aleikum)...

Also other – deeper – cultural influences come probably from the Mozarabs (Christians who lived under Muslim rule in the peninsula), such as Oxalá (God willing,

coming from In Sha Allah - If Allah wants) and salamaleques (coming from salam aleikum, a common greeting).

Antes disso, os suevos e os visigodos (que adotaram o latim quando se mudaram para a península, denominando-se por isso o visigodo como **superestrato** do português) deram-nos algumas palavras que infelizmente estão na ordem do dia, como *guerra, bando, rico* e *roubar*, nomes como *Fernando* e *Álvaro* ou topónimos como *Guimarães, Gondomar* ou *Romarigães*.

Before that, suevos and visigoths (who adopted Latin when they moved into the peninsula, therefore Germanic visigoth is considered a superstratum of Portuguese) gave us some words which are unfortunately frequently used nowadays, like those corresponding to English war, rich and steal.

Mais ainda: os pontos cardeais... *norte, sul, este e oeste*. E finalmente a terminação *-es* como filho de: *Rodrigues, Álvares, Henriques, Eanes...*

And they gave us the words for north, south, east and west. And the patronymic suffix -es, and -son/sen in the Nordic languages, corresponding to the prefixes O' in Irish and Mac in Scottish.

Mas antes do latim, os ibéricos não falavam? Claro que sim, línguas célticas e línguas como o basco (que não tem família) e por isso o latim foi enriquecido com o seu substrato. Que infelizmente se conhece muito pouco, mas sabemos que *abóbora*, por exemplo, é pré-latim, assim como *cama, carvalho, moço, manteiga, seara, beiço...* e *coelho!*

But didn't Iberians have any language before the Romans came? Of course they had languages, some from the Celtic language family, others like Basque (which has no other known family members), so they enriched Latin as its substrat.

Mas mesmo em relação ao latim será preciso esclarecer que os romanos que vieram para a Península Ibérica eram povo, não a elite cultural, o que significa que... falavam o que se denomina hoje o latim vulgar. Por isso o português não vem do latim erudito, escrito pelos grandes oradores, mas sim do latim vulgar, “conspurcado” – ou “enriquecido” / “ornamentado” (é só uma questão de ponto de vista) com algumas características da forma de ver o mundo dos seus novos falantes. Uma delas é sem dúvida a diferença entre *ser* e *estar*, outra é a perda dos verbos de posição (o que Birte Stengaard, uma linguista norueguesa especialista na história das línguas ibéricas, ou filologia iberomântica chamou a morte de um campo semântico, na sua tese de doutoramento na universidade de Oslo, Stengaard (1991)).

Well, even when one speaks about Latin one needs to clarify that we are not talking about the classical language of the great Roman authors and speakers, but of the “vulgar Latin”, because it was the people who invaded or moved to the outskirts of the Empire, not the elite... so it was even easier to change by characteristics of seeing the world by their new speakers. The most important of all, in my view, is the basic opposition between ser and estar, as well as what Birte Stengaard called the death of a semantic field in her PhD thesis, the loss of positional verbs in Spanish and Portuguese.

Bem, mas então a partir de quando é que se pode considerar que o português nasceu? Como para todas as línguas, aliás, não existe certidão de nascimento, e existem opiniões divergentes. Em primeiro lugar, deve ter nascido antes de haver Portugal, e os portugueses costumam chamar-lhe “galaico-português”, ou seja a língua que deu origem tanto ao galego como ao português e que nessa altura claramente não se chamava nenhuma das coisas. Não tinha nome, ou chamava-se *língua vulgar* (já agora, *vernáculo* é uma palavra que nos veio do etrusco através do latim, e que significa fala dos escravos), mas não sabemos como é que os seus falantes se lhe referiam, porque nessa altura não havia documentos escritos.

Well, then, when was the Portuguese language born? It may be born before Portugal was born, and it is often called galaico-português – one language that evolved into both Galician and Portuguese, and that at that time had no name: it was called “common language”, but we have no idea how their speakers referred to it, because it was not written.

Algumas pessoas defendem que se devia chamar galego, pura e simplesmente, porque a província – que incluía a Galiza e o Norte de Portugal de hoje – se chamava Galécia Magna desde o tempo dos romanos. Eu discordo, mas comprehendo a sugestão. Obviamente que não devemos nunca esquecer que uma língua é antes de mais um dialeto com exército, como disse Weinreich.

Some people argue that that language should be called Galician, since it was spoken in a Roman province called Gallaecia Magna. We should remember Weinreich’s apt definition of a language as “a dialect with an army”.

E assim o comprova e comprehende o gramático Duarte Nunes Leitão em 1606, quando fala da história da língua portuguesa:

da qual língua gallega a portuguesa se aventajou tanto, quanto na copia e na elegancia della vemos. O que se causou por em Portugal haver Reis e corte que he a officina onde os vocábulos se forjão e pulem e onde manam para os outros homens, o que nunca houve em Galiza...

Aqui poderíamos de facto imaginar que todo o contacto e riqueza da nação portuguesa no século XVI teriam modificado e “polido” o português, ao contrário do que era falado na Galiza, região pobre e periférica do país vizinho... Um galego do século XVII, Martin Sarmiento, indignado, escreve, em oposição a esta opinião, que o português “é um subdialeto da língua galega que hoje se fala [em Portugal]. O que devia ter posto Nunes era a origem das vozes mouriscas, das brasileiras, das africanas, e das asiáticas que jamais foram galegas, e com as quais se contaminou o primitivo dialeto depois das conquistas dos portugueses rumo ao sul”.

Interessante, mas dando afinal razão a Duarte Nunes Leitão em que o português era já muito diferente do galego, dadas as tais contaminações – ou enriquecimentos – que Agualusa gaba.

I just gave some proof of Weinreich’s notion by citing a Portuguese grammarian of 1606 and a Galician scholar of the 17th century arguing about this.

Mas voltando à divisão do português no tempo: segundo Lindley Cintra, existiram o português pré-literário (antes de 1200), o português antigo (até 1385), o português médio (até 1550), o português clássico (até ao século XVIII), e o português moderno (depois).

While there is no total consensus about the history of Portuguese, a common periodization, espoused by the Portuguese grammarian Lindley Cintra, has five phases.

Na época do português clássico aconteceu uma peripécia interessante na história da nossa língua, a chamada relatinização: devido aos ventos do Renascimento, a redescoberta dos clássicos latinos e da cultura latina levou a um aprimoramento da língua com a inserção de centenas, senão milhares, de vocábulos eruditos, que já existiam no português (ou melhor, já tinham entrado na sopa da língua), mas que tinham sido aportuguesados: e daí os pares *mancha – mácula*, *chave – clave*, *mágoa – mácula*, *chamar – clamar*, *coalho – coágulo*, *conto – cômputo*, *dedo – dígito*, *macho – másculo*, *cheio – pleno*...

One interesting change that occurred in the Renaissance period was the relatinization of Portuguese, meaning that hundreds or thousands of classical Latin words were reincorporated into Portuguese, giving rise to many pairs of words that came by learned or popular ways.

Uma coisa de que nos podemos gabar, e que talvez permita de facto datar de certa forma o nascimento do português escrito, é a escolha de D. Dinis (reinou entre 1279 e 1325) que promulgou a *Magna Carta Privilegiorum* em 1290, e adotou a língua, nesse caso chamada português, como língua oficial do Estado. Foi um dos primeiros, senão o primeiro, que fez isso para uma língua europeia.

Something Portuguese-speaking people may be proud of is that Portuguese was the first vernacular European language that was defined as official language, by D. Dinis. He reigned between 1279 and 1325 and promulgated the Magna Carta Privilegiorum in 1290. He called it “português”.

Outra coisa importante para a história do português foi o deslocamento, em 1225, da capital de Portugal para Lisboa. Assim, ao contrário do que seria de esperar, foi o dialeto de Lisboa que ganhou na definição da norma, embora as origens sejam nortenhas. (Podemos assim dizer que a história do português é um rio que corre para sul.)

Another important event for the history of the Portuguese language is the movement of Portugal’s capital to Lisbon in 1225, which made its dialect the most important for normalization, despite its Northern precedent.

Segundo Marcos Bagno (2012:199),

A língua não existe. O que existe, concretamente, são falantes da língua, seres humanos com história, cultura, crenças, desejo e poder de ação. A língua muda porque os falantes, todos, são dotados de extraordinárias capacidades cognitivas, de um cérebro que o tempo todo, a cada instante, está processando e reprocessando a língua, que é o mais importante vínculo de cada indivíduo com o universo que o rodeia e o mais importante cimento de construção da identidade de um grupo humano.

According to the Brazilian linguist Marcos Bagno, in a free translation, language does not exist. It is language users who exist, human beings with history and intention. Language changes all the time since the brain is constantly reprocessing language,

which is the most important link with its surroundings and the best glue to build the identity of a human group.

E isto leva-nos à criação do português do Brasil – dialeto que, com um exército há bastante mais tempo (mais de 200 anos), tem tendido para a sugestão de ser uma nova língua. O que, diga-se desde já, não é nada que se possa definir ou concluir ao nível da linguística. É uma questão essencialmente política.

And this leads us to the creation of Brazilian Portuguese, which, being a dialect with an army for more than 200 years, has been often presented as a new language. But this is not something that can be decided on linguistic grounds, it is an eminently political issue.

Como sabem, o politicamente correto neste momento é falar das várias variedades do português, ou dos vários portugueses (seguindo o modelo dos variados Englishes). Mas vejamos a descrição da sua evolução, independentemente de o considerarmos uma variedade do português, língua pluricêntrica, ou uma nova língua, visto que dialeto é aparentemente ofensivo :-) e, aliás, o que não falta no Brasil são dialetos.

As most of you know, the accepted wisdom is to talk about national varieties of Portuguese, or – modelled on the several Englishes, the several Portugueses. But let us leave that aside for the moment and look at its creation and evolution.

Então, a história do português no Brasil é fascinante, e muitas pessoas a desconhecem: em primeiro lugar, porque não sabem que nos primeiros duzentos anos o português era minoritário – minoritaríssimo – porque os colonos, e os missionários, falavam sobretudo a língua geral: uma língua franca de base tupi. Como as famílias eram constituídas por homens europeus e mulheres índias, a língua materna dos colonos portugueses nascidos no Brasil era essa – e iam depois aprender português na escola (como diz o Padre António Vieira em 1694, Neto (1963:55)).

The history of the Portuguese language in Brazil is fascinating, and unknown to many: First, many people are unaware that Portuguese in Brazil was a (very) minority language in its first 200 years, because the settlers (and missionaries) spoke mainly língua geral, a lingua franca based on tupi. And, as the settlers' families were composed of white men and American Indian women, the mother tongue of those born in the colony was tupi, and the children would only learn Portuguese at school.

É inegável e obviamente compreensível que um grande número de topónimos brasileiros venha das línguas indígenas, sobretudo do tupi: as cataratas do *Iguaçu* (água grande), *Curitiba* (pinhal de araucárias), *Paraíba*, *Tijuca*, *Ipiranga*, *Paraná*... Além disso, temos no português do Brasil nomes de animais e plantas que não existiam na Europa. Algumas foram nomeadas por analogia, como os porquinhos da Índia, ou as galinhas da Índia, outras foram simplesmente tomadas de “emprestimo”, ou “oferecidas”, pelas línguas que já as nomeavam, como *capivara*, *arara*, *tucano*, *urubu*, *tatu*, ou como *abacaxi*, *mandioca*, *cipó* ou *caju*.

So it is undeniable and unsurprising that a large number of Brazilian placenames come from Amerindian languages, especially from tupi, as well as the name of many animals and plants that did not exist in Europe.

Mas isso mudou por duas razões: uma de política imperial, vinda do Marquês de Pombal, que obrigou a que todos falassem português (por decreto, em 1757), expulsando os jesuítas; e outra, por causa do ouro do Brasil, que atraiu milhares de portugueses (e não só) e que arrastou também milhares de escravos para essa zona.

But the situation changed in the seventeenth century for two reasons: Because of imperial politics: the Marquis of Pombal decreed that everyone had to speak Portuguese in Brazil, and expelled jesuits; and because of the Brazilian gold, which attracted a huge number of Portuguese (and others), who brought also thousands of slaves to that zone.

Ora os escravos eram africanos e não falavam nheengatu, e foram obrigados a falar português pelos seus donos. Muitas vezes não partilhavam a mesma língua e portanto não podiam falar a sua língua, visto que sabemos que essa era uma das formas que os donos das fazendas tinham de desempoderar os escravos, impedi-los de comunicar com os seus co-escravos.

And the slaves were from Africa and did not speak the lingua franca, and they were forced to speak Portuguese by their owners. In addition, they often could not speak their own native languages with anybody because slaves were separated to disempower them.

Então, a partir do século XVIII o português passou a ser maioritariamente falado no Brasil, mas adquirido (e não língua materna) pela maioria dos falantes (e adquirido não por gosto, nem com escolas de línguas, mas sim no horror da escravatura). Obviamente isso tem de ter influenciado a forma como o povo brasileiro fala (não só os descendentes dos escravos, mas todos os que com eles conviviam). Ao contrário do que se possa pensar, não foi principalmente no léxico que essa influência se deu, mas foi sobretudo na morfologia e na sintaxe – mais insidiosamente, ou mais profundamente. Por exemplo: sabe-se que a maioria das línguas dos escravos africanos eram da família bantu (quimbundo, umbundo e quicongo), em que as desinências da pessoa são prefixos e não sufixos. Nada mais natural que falantes dessas línguas reinterpretassem o português como os pronomes pessoais indicarem a pessoa, e o verbo ser invariável. E daí que se compreenda o uso frequente, nas classes não ou pouco escolarizadas brasileiras, de frases como *nós já fez tudo o que podia* (aproximando assim o português brasileiro do inglês, ou do norueguês, sem marcas de flexão de pessoa no verbo). Idem para a falta de concordância nos sintagmas nominais: *os menino feio*, visto que os artigos foram reinterpretados como prefixos de número.

So, from the eighteenth century onwards, Portuguese was by far the language most spoken in Brazil, although not native but acquired by the majority of the speakers, which obviously influenced Brazilian Portuguese. This time, mainly in morphology and syntax, given the structure of the African languages one can call its substract: quimbundo, umbundo and quicongo.

Existe neste momento no Brasil uma corrente, representada por exemplo pelo linguista Marcos Bagno, que considera que existe diferença suficiente entre as línguas populares do Brasil e de Portugal para o português do Brasil, que ele chama português brasileiro, ser considerado e estudado como uma nova língua romântica. Contudo, também ele afirma que essa é uma decisão política e não linguística. E por

isso, o que os peritos dizem ou sabem, conta pouco. (Onde é que eu já ouvi isto?) É o povo, neste caso os povos, que decidem.

Nowadays there is a faction (of expert linguists) that considers that Brazilian Portuguese language is a language in its own right. However, this is a political and not a linguistic matter. So what experts say, they complain, does not count. In any case, in language matters, it is the people, or the peoples, who ultimately decide.

Um parêntesis sobre a situação norueguesa, em que a tentativa de união forçada das duas “variedades” bokmål e nynorsk, coocorrendo basicamente num mesmo território e partilhando (ou podendo partilhar) a mesma comunicação social, chamado “samnorsk”, só conseguiu ter sucesso até um certo ponto (veja-se que há duas Wikipédias norueguesas!). O que, na minha opinião, demonstra o peso que a opinião subjetiva dos falantes e a sua identidade (algo que não é objetivo) tem.

If we compare with the Norwegian situation, where two written standards share the same place and the same media and still the project called samnorsk (joining nynorsk and bokmaal) never succeeded, it is clear that it is the personal feelings of identity of the speakers who win.

Por isso, embora admirando o enorme conhecimento e sabedoria de Bagno (considero, aliás, a sua *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro* uma obra prima, embora discorde de várias opiniões lá expressas), permito-me ter uma opinião radicalmente diferente da sua, e que é: Podemos continuar a ter um português comum, como a Wikipédia portuguesa (ou em português) prova, assim como o *Programming Historian* em português prova, o círculo de leitura em literatura lusófona, da Universidade de Oslo prova, ou mesmo a Lusofonia Oslo prova – os saraus de poesia, as ADLP, têm muitos participantes brasileiros – só faltam elementos na sua direção. E porquê? Não só a pujança das novas variantes do português em África (que se mede não só pela quantidade de falantes e pelo poder económico dos países mas pela maravilhosa literatura que tem sido produzida em português em Angola, Moçambique e Cabo Verde, dando novos mundos ao mundo da língua portuguesa) mas a cada vez mais global comunicação entre os falantes de todas as variantes numa mundo cada vez mais digital, produzindo (quer queiramos quer não) um “samportugisisk” que será o futuro.

So, and although I openly admire the main adept of the “division”, Marcos Bagno, I have the opposite opinion: we can continue with a common Portuguese, as is proved by the Portuguese wikipedia, the Programming Historian in Portuguese, the reading circle in lusophone literature at the University of Oslo, and Lusofonia Oslo, because Brazilians and Portuguese share (the fiction?) of a common language, and it works. And this gets obviously also help from the wonderful literature in Portuguese that comes from the African countries, and the fact that all speakers of whatever Portuguese are nowadays “united” by the digital media.

Ou seja, prevejo que seremos todos obrigados a engolir sapos – sabem que o Brasil é o país com maior diversidade de animais desse grupo? – mas, porque não, vermos isso como a degustação de um raro petisco gastronomico-lingüístico? Afinal, os nossos colegas franceses, chamados depreciativamente “frog-eaters” ou “froggies” pelos ingleses, são considerados internacionalmente os pais da gastronomia!

So, I foresee that all of us will have to “swallow toads” (a Portuguese expression meaning accept disagreeable things for the benefit of something better), but: aren’t the French referred to as frog-eaters by the English, and still considered the best food culture in the world?

Penso que todos já estarão fartos de me ouvir falar, e que poderei acabar esta fala com proveito para todos por “O jantar está servido”, para gáudio geral! Obrigada!

So, please enjoy your food! Thank you for listening!

Fontes usadas

Agualusa, José Eduardo. *O Paraíso e Outros Infernos*. 2018.

Bagno, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. Parábola Editorial, 2012.

Baldinger, Kurt. "El gallego-portugués e sus relaciones de substrato com la Aquitania".

<https://web.archive.org/web/20070930230333/http://www.instituto-camoes.pt/CVC/hlp/biblioteca/baldinger.pdf>

Banza, Ana Paula & Maria Filomena Gonçalves. *Roteiro de História da Língua Portuguesa*. Cátedra UNESCO, Universidade de Évora, Fevereiro 2018.

Dinis I de Portugal. https://pt.wikipedia.org/wiki/Dinis_I_de_Portugal (acesso: 4 de maio de 2025)

A language is a dialect with an army and a navy.

https://en.wikipedia.org/wiki/A_language_is_a_dialect_with_an_army_and_navy (acesso: 4 de maio de 2025)

Neto, Serafim da Silva. *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, 2 ed., MEC/INL, Rio de Janeiro, 1963.

Portuguese with Leo. "A influência do árabe no português". <https://youtu.be/AAqc1rBniD0> (acesso: 4 de maio de 2025)

Stengaard, Birte. *Vida y muerte de un campo semántico. Un estudio de la evolución semántica de los versos latinos 'stare', 'sedere' e 'iacere' del latín al romance del siglo XIII*. Max Niemeyer, 1991

Teixeira, José. *O português como língua num mundo global: problemas e potencialidades*. Editora Húmus, 2016.

Teyssier, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Livraria Sá da Costa, 1984.

Weinreich, Max. "Der YIVO un di problemen fun undzer tsayt" (literally "The YIVO and the problems of our time"). *YIVO Bleter* (vol. 25 nr. 1). January–February 1945.